

Pedro Soares, Ordem dos Enfermeiros dos Açores

“Enfermeiros estão prontos para vacinação massiva em S. Miguel”

Terminou a Operação Periferia. Que balanço é que faz na perspetiva da Ordem dos Enfermeiros?

O balanço que fazemos é extremamente positivo, sendo que o objetivo foi plenamente alcançado com a inoculação de cerca de 14 mil vacinas nas cinco ilhas sem hospital e com isto uma imunidade de grupo a ultrapassar pelo menos os 70%, ficando algumas situações passíveis e de fácil resolução nos próximos dias.

Foi também mais um teste ao Sistema Regional de Saúde, que mesmo com todas as dificuldades publicamente conhecidas, conseguiu-se que as Unidades de Saúde Ilha tivessem ainda capacidade para criar toda uma dinâmica essencial numa vacinação em massa, nomeadamente uma adaptação de espaços, uma alocação de recursos humanos e todo o processo de agendamento junto da população.

Este tipo de operação acontece pela primeira vez nos Açores, e julgo que o sentido de responsabilidade, de dever, ficou bem patente em todas as equipas, no que à Enfermagem diz respeito ficou claro que mais uma vez os Enfermeiros Açorianos responderam positivamente, embora com muito sacrifício pessoal, não estivéssemos há quase um ano e meio num combate desigual e por vezes desmotivante.

Quantos enfermeiros estiveram mobilizados e como se organizaram logisticamente?

Em termos logísticos da parte da Secção Regional da Ordem dos Enfermeiros, participámos com uma equipa que a cada ilha, em cada Unidade de Saúde Ilha era construída conforme as necessidades transmitidas previamente por cada uma dessas Instituições, sendo que aconselhámos sempre haver pelo menos dois membros da nossa equipa na vigilância do recobro no pós vacinação imediata e período de espera de 30 minutos.

Para a Ordem dos Enfermeiros, foi sempre tido como princípio a segurança da nossa população, para além de colaborar para a total fluidez do processo.

No global tivemos 15 Enfermeiros que foram distribuídos pelas diversas ilhas conforme o calendário de vacinação, em especial na administração da segunda dose devido a um planeamento da coordenação da operação com 3 ilhas praticamente ao mesmo tempo.

Mesmo assim, conseguimos ultrapassar essa questão e colocar enfermeiros no terreno a colaborar.

De salientar o apoio da tutela no que a alojamento e transportes diz respeito para toda a mobilidade que foi necessária e o esforço pessoal de cada um para estarmos em todo o lado.

Vão participar agora na vacina-



ção em S. Miguel?

É preciso, antes de responder à questão, termos a noção plena de que uma vacinação em massa difere em muito da vacinação digamos normal que decorre por exemplo nas Portas do Mar.

Posto isto, faz 2 semanas que a Ordem dos Enfermeiros sugeriu à tutela a possibilidade de se fazer uma vacinação deste tipo em S. Miguel, ideia que foi acolhida como uma boa possibilidade.

Neste momento não temos qualquer indicação que isso irá acontecer, no entanto se formos chamados não tenho dúvidas que após um planeamento cuidado teremos condições para avançar.

Aproveito, no entanto, para congratular os Enfermeiros da Unidade de Saúde Ilha de São Miguel que um pouco por toda a ilha têm levado a cabo um processo de vacinação exemplar, com taxas de vacinação diárias muito altas e, a acontecer um período de vacinação em massa nesta ilha, deverá ser visto como um complemento ao trabalho que a USISM tem feito.

A operação massiva em S. Miguel é mais complexa? Há enfermeiros suficientes na bolsa para responder à operação?

A complexidade de uma operação destas em S. Miguel tem ligeiros contornos diferentes mas a base do processo é igual.

Na minha opinião será necessário mudar alguns procedimentos que hoje acontecem que não funcionam numa operação massiva, provavelmente criar uma espécie de call center mais robusto

para agendamento da nossa população com uma capacidade muito superior de contactos, alocar mais recursos humanos para o recinto, reajustar todas as áreas aumentando a capacidade e que numa primeira análise julgo possível passarmos as 2 mil vacinas por dia só nas Portas do Mar, mas claro só com uma análise conjunta com a USISM poderemos ter essa perceção, falo em termos teóricos e com o conhecimento adquirido da Operação Periferia.

Quanto ao apoio dos Enfermeiros da bolsa, digo que sim, havendo possibilidade de alocar enfermeiros de outras ilhas ainda, visto que as equipas de Enfermagem da USISM estão a meu ver já num processo de exigência e desgaste muito alto pelo que este é o momento de vermos que nos Açores há uma equipa de Enfermagem com 2200 Enfermeiros, distribuídos pelo Arquipélago, e prontos a colaborar onde for preciso, essa é a ideia que fico quando analisamos a bolsa de Enfermeiros.

Quantos enfermeiros vão acabar o curso neste ano lectivo e que expectativas é que podem ter no serviço regional de saúde?

Estamos num momento-chave para o Sistema Regional de Saúde, por todo o mundo vários são os países que neste momento reforçam os seus sistemas, inovam, preparam o futuro.

Nos Açores estão a terminar o curso cerca de 70 Enfermeiros e como já pude transmitir ao Governo Regional, não podemos cometer o mesmo erro que em agosto de 2020 onde praticamente deixámos os novos Enfermeiros de fora das nossas Instituições com uma taxa de contratação muito baixa.

Eu recorro que, neste momento, já há delegações de vários países a apresentar propostas aos futuros Enfermeiros Açorianos, e com ofertas de vencimento que os Açores não têm como competir.

Neste sentido, levámos a cabo uma reunião entre os novos Enfermeiros, a Ordem e o Secretário Regional da Saúde e Desporto, onde por iniciativa deste pudemos mostrar a necessidade e vontade da região em contar com estes colegas, nomeadamente com a abertura de concursos um pouco por todas as ilhas.

Aquilo que alerto é que nas ditas ilhas sem hospital, deverão ser criadas condições favoráveis de fixação, à semelhança do que acontecia faz uns anos no Arquipélago e foi interrompido, entretanto.

Continuam a sair enfermeiros para o estrangeiro?

Infelizmente continuam, os pedidos de documentação à Ordem continuam a chegar e neste momento preocupamo-nos que estejam a aparecer nos Açores vários países, com condições laborais e

remuneratórias incomportáveis para o nosso Arquipélago competir e dessa forma consigam apetrechar os seus sistemas de saúde com os nossos recursos, formado cá.

Uma das coisas que a Covid-19 colocou a nu foram as fragilidades dos diversos sistemas, por cá ficou bem patente no que aos Enfermeiros diz respeito, a falta de Enfermeiros nas Instituições e as condições laborais que são oferecidas com uma carreira manipulada e completamente desvalorizada.

Hoje tenta-se a nível dos Açores corrigir muitas dessas injustiças, mas algumas provêm de uma necessidade interventiva do Governo Nacional, situação que não acontece. Isto fará com que o acordo que aconteceu nos Açores seja muito bom, muito importante, mas que algumas situações terão de ter por parte do Governo Regional uma intervenção mais a fundo no menor prazo possível, são situações que a Ordem dos Enfermeiros tem vindo a alertar e que colocam em causa a dignidade profissional, a motivação dos Enfermeiros.

Entendemos que têm sido acolhidos esses alertas, esperamos que seja concretizado também essas correções e nesse dia os Enfermeiros poderão dizer que foi reconhecido o trabalho, em especial nestes tempos pandémicos.

Como avalia a capacidade de diálogo e de resposta às vossas propostas por parte deste governo?

O diálogo começou quinze dias depois deste governo tomar posse, o que nos deixou em alerta no sentido de perceber se estaríamos novamente perante reuniões de faz de conta ou o que nos reservaria o futuro.

Aquilo que tem acontecido desde então são contactos muitas vezes semanais, no sentido de auscultar a Instituição que representa todos os Enfermeiros, a Ordem, e assim podermos colaborar com o nosso conhecimento do terreno e com o melhor que sabemos fazer que é cuidar da nossa população, sendo que foi devido a esta colaboração próxima e saudável, despreendida de questões políticas, que colaborámos na Operação Periferia, na criação do Enfermeiro de Família, na participação da mesa técnica de discussão do acordo com os sindicatos, entre outras questões que em breve daremos conta.

Aquilo que sentimos é que fazemos parte da solução. É claro que por vezes há uma espécie de negociação entre aquilo que propomos e aquilo que no imediato pode acontecer, mas isso faz parte, o que nos interessa é que os Enfermeiros vejam finalmente o seu propósito, o seu valor, reconhecido, e que a nossa população tenha os melhores cuidados, esteja protegida.